

CRIANÇAS E TELEVISÃO: HÁBITOS TELEVISIVOS E DIÁLOGO FAMILIAR

MIGLIORA, Rita Rezende Vieira Peixoto* – PUC-Rio – ritaelig@terra.com.br

GT-16: Educação e Comunicação

Agência Financiadora: CNPq

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa que teve como fonte de inspiração pesquisas de audiência infantil realizadas na Europa e como ponto de partida uma pesquisa anterior, que buscava compreender não apenas as expectativas que as crianças têm em relação à TV, mas, mais diretamente, a relação que elas estabelecem com o que vêem regularmente, incluindo seus gostos, interesses, críticas e grau de conhecimento da linguagem e dos formatos televisivos.

Como frequentemente acontece, essa pesquisa — que iremos chamar de 1ª pesquisa¹ — deixou lacunas a serem preenchidas que nos remetiam a novas questões: Quem eram aquelas crianças? Qual o nível sócio-econômico delas? A que bens culturais elas têm acesso e como? Onde moravam e estudavam? Existiriam correlações entre as opiniões que elas emitem sobre a televisão e o acesso delas a bens culturais diversificados? Que papel a escola e a família estariam desempenhando na relação que essas crianças estabelecem com os conteúdos da tevê? Existiria relação entre o consumo

* Recorte de Dissertação de Mestrado, orientadora Prof^ª Rosália Duarte do Departamento de Educação da PUC-Rio. Membro do GRUPEM - Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia da PUC-Rio.

¹ Por se tratar de pesquisa publicada, não incluímos maiores detalhes para que não houvesse quebra de anonimato.

cultural delas e tempo despendido vendo televisão? Seria possível apontar fatores que interferem na relação dessas crianças com o conteúdo televisivo? Que fatores seriam estes?

Destes questionamentos e dúvidas partiram os objetivos do estudo de que trata este texto: 1) traçar do perfil sócio-econômico das crianças; 2) padrão de consumo cultural delas; 3) relação com a tevê: tempo e padrão de consumo, programas prediletos; 4) papel desempenhado pela escola e pela família na mediação dessa relação, nas relações que essas crianças estabelecem com o que é veiculado na tevê.

Sendo assim, contatamos as escolas que fizeram parte da 1ª pesquisa e perguntamos se poderiam autorizar seus alunos a participarem desta pesquisa também. Apenas duas escolas não se interessaram.

O estudo teve como fonte privilegiada de coleta de dados um questionário auto-aplicável a alunos de 3ª, 4ª e 5ª séries, em sua maioria, com idades entre 8 a 12 anos. Foram aplicados 718 questionários, cada um contendo oitenta e quatro questões, em 11 escolas do Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais, sendo três escolas particulares e oito escolas públicas.

Pressupostos da pesquisa

Entendemos que as crianças são sujeitos ativos na apropriação dos conteúdos televisivos, o que significa dizer que elas têm uma significação própria daquilo que é veiculado, mesmo que seja em diferentes graus de complexidade. Mas não estamos afirmando que elas são completamente autônomas. Para Silverstone (1996), audiência ativa é quase uma

redundância, pois o conceito pressupõe, em si, algum grau de atividade na relação com o meio, mesmo que não possamos definir exatamente o que significa atividade neste contexto. Este autor compreende que a experiência de vida dos espectadores é marcada pela televisão, que contribui para configurar o modo que eles vêem o mundo.

O segundo pressuposto se refere ao conceito de audiência que adotamos, que é o proposto por Sônia Livingstone (1988), que o entende como um conceito relacional, surgido da metáfora do *text-reader*, onde as pessoas e a mídia são concebidas mutuamente. Para esta autora, a audiência é constituída na interseção desses dois elementos.

Tendo em vista que esta pesquisa originou-se de uma outra anterior, onde foi privilegiada uma análise qualitativa e considerando-se os pressupostos acima, decidimos por uma pesquisa de cunho quantitativo.

A partir desses pressupostos e com alguns conceitos-chave construímos o questionário. O modelo de questionário aplicado se baseou nos modelos de questionário de Sibeles Cazelli (2005) e Isabel Ortigão (2005), no que se refere a medidas de nível sócio-econômico. O questionário foi construído com o objetivo de traçar o perfil das crianças que haviam participado da 1ª pesquisa, além de mapear alguns fatores que poderiam estar interferindo na relação dessas crianças com o conteúdo dos produtos televisivos a que têm acesso. Assim, os conceitos priorizados na formulação do questionário foram: fontes de mediação (latente), impacto (latente), modos de uso (latente), consumo cultural (latente), telefilia ou expertise (latente),

capital sócio-econômico (latente), além de outros itens que compuseram o perfil das crianças: sexo (observável), idade (observável), cor (observável), série (observável). Para este trabalho pretendemos focalizar apenas fontes de mediação e modos de uso.

Fontes de mediação

Orozco-Gomez assevera que “todo proceso de recepción está necesariamente mediado desde diversas fuentes” (2001: 18). Mas o que ele entende por mediação? Para ele mediação é um processo estruturante que configura e orienta a interação das audiências e que tem como resultado a produção de sentido destas através dos referentes midiáticos (2001: 23). O autor elaborou um esquema que permite observar como as audiências estruturam a sua forma de recepção midiática. As fontes de mediação são os lugares onde se originam os processos estruturantes dos sujeitos — as mediações: processo complexo multidirecional e multidimensional, que não se encerra no momento da televidência. Ele assinala que as mediações não podem ser empiricamente observadas, por isso, propõe que se procure conhecer e mapear suas fontes, classificadas como: mediação individual, mediação situacional, mediação tecnológica e mediação institucional.

Cabia perguntar então: que fontes estão interferindo na produção de sentido destas crianças? Nesse caso, era preciso saber: como e com quem assistem à tevê? A escola ou professora desempenham algum papel nessa relação? Conversam com a criança sobre os programas de televisão que ela vê, fazem alguma atividade

pedagógica em torno desse tema? Essas crianças vão ao cinema? ao teatro? ao museu? Lêem? Conversam sobre o assunto com seus pares? Todas essas são fontes de mediação e, numa pesquisa desse tipo, o que se pode observar é apenas se elas estão presentes ou não na vida do espectador. Não se pode saber como elas operam, mas pode-se, através do exame do grau de existência delas na vida do receptor, supor seu nível de interferência. Para efeitos desta pesquisa, as fontes priorizadas foram as de mediação situacional e institucional.

Mediação situacional é aquela que considera as situações nas quais se processam as relações entre o receptor e a mídia, como por exemplo, o lugar onde a televisão é vista (sala/quarto; casa/escola etc.), com quem se vê (sozinho, com adultos, com outras crianças etc.), modos de ver (horários programas prediletos, hábitos etc.).

No questionário buscamos saber com quem as crianças assistem à tevê, pois é importante entender com que pessoas estão compartilhando a televidência. Estes itens apontam para o tipo de audiência ao qual estamos nos referindo – mais ou menos qualificada. Cabe ressaltar que estes itens isoladamente não qualificam a audiência; é necessário relacionar todos os aspectos dentro dos contextos culturais e sociais em que esta audiência está configurada.

Fontes de **mediação institucionais** estão vinculadas às instituições e organizações sociais das quais o indivíduo participa simultaneamente, tais como família, escola, Estado, grupo da igreja etc. (OROZCO-GOMEZ, op.cit.). As instituições

diferenciam-se entre si pelas diversas formas de significados de poder e autoridade, valores e crenças que apresentam. Elas coexistem: tanto podem ser contraditórias, como podem se neutralizar ou valorizar determinados temas em detrimento de outros. Orozco – Gómez conclui que “cada institución social tiene um espacio propio y es productora de sentidos y significados” (idem: 88).

Neste estudo foram tomadas preferencialmente família e escola como instituições fundamentais na intermediação das relações das crianças com a tevê. A família como instituição primária básica, que orienta a formação de significados das crianças, com seus valores, crenças e práticas sociais, é uma instituição que deveria exercer um papel fundamental na compreensão que as crianças têm do que é transmitido pela tevê. Temos que levar em conta que a grande maioria das crianças assiste à tevê em casa, onde a família reside, o que, por si só, a configura como um fator importante.

Modos de uso

O conceito de modos de uso engloba um conjunto de práticas relacionadas a ver televisão, como por exemplo, programas prediletos ou quais programas os espectadores menos gostam de ver, períodos do dia em que assistem à tevê, se usam o controle remoto, se brincam com o que vêem ou enquanto vêem, se comem em frente à tevê, entre outros hábitos. Alguns modos de uso também foram observados sob a égide de outros conceitos, como impacto e mediação situacional. Tendo em vista os limites impostos pela possibilidade de análise e pelo

tempo destinado à realização da pesquisa, nos restringimos a duas dimensões dos modos de uso: tipos de programas a que as crianças assistem e a intensidade com que o fazem, bem como seus programas prediletos.

Campo empírico e dados coletados

A partir das respostas aos itens dos questionários relacionados a esses conceitos-chave, com o objetivo de reduzir os dados e operacionalizar alguns conceitos latentes² que queríamos observar, construímos escalas, através da análise de fatores³. Foram seis escalas:

- Consumo Cultural – que buscava captar a que bens culturais essas crianças tinham acesso, por isso mesmo esta escala está relacionada ao padrão de consumo cultural delas.
- Diálogo Familiar – esta escala foi construída com o objetivo de nos aproximar da fonte de mediação institucional familiar.
- Impacto - procuramos observar que atividades as crianças deixavam de fazer para ver

² Conceitos latentes são aqueles conceitos que podem evocar diferentes imagens e noções e não podem ser observados diretamente (Babbie, 2005).

³ Análise de Fatores busca identificar grupos de variáveis correlacionadas baseada na decomposição da matriz de correlação (ou covariância) das variáveis. A interpretação é feita identificando-se as variáveis com peso significativo em cada fator, orientando a representação para os grupos de variáveis assim formados. A análise de fatores é o nome genérico dado a um método estatístico multivariado que tem por objetivo primordial definir uma estrutura básica numa matriz de dados que, no nosso caso, é a base de dados criada a partir das respostas dos questionários.

tevé. Queríamos entender se a televisão produz algum efeito negativo sobre a vida cotidiana das crianças, ou seja, o **nível de interferência real que o ato de assistir à tevê tem no cotidiano das crianças.**

- Expertise – este conceito foi criado a partir da definição de cinefilia que “além de significar gosto ou interesse pelo cinema, aparece relacionada a atitudes de estudo e de investimento intelectual em tudo que diz respeito a essa temática” (DUARTE, 2002). Assim, telefília significou, no contexto do instrumento utilizado nesta pesquisa, interesse especial pela televisão, que está relacionado a atitudes de estudo e de investimento intelectual a respeito, onde o indivíduo busca conhecer mais sobre a linguagem do veículo, seus temas e sua tecnologia. Neste sentido queríamos compreender que práticas as crianças empregam para conhecer mais sobre televisão, se assistem making off, se acessam a internet, se lêem jornais e revistas especializadas.

- Relação escola/tevé – na análise do material coletado na pesquisa anterior, observamos que, apesar de a escola não aparecer como fonte ativa no processo de significação das crianças, ela, como instituição, mobilizou-se e enviou as cartas e os desenhos das crianças, legitimando, de algum modo, a importância da televisão na vida delas. Neste estudo, desejávamos saber que papel a escola estaria desempenhando nessa relação. A escola é compreendida como fonte de mediação institucional, mas a perspectiva apresentada neste estudo foi das crianças, ou melhor, a percepção que as crianças têm

das atividades desenvolvidas pela escola no que diz respeito à televisão e a conteúdos televisivos.

- Nível Econômico – esta escala está associada a observar que bens as crianças possuem, tais como telefone, telefone celular, tevê, quantos banheiros e se alguma empregada doméstica trabalhava na casa deles. Esta escala na elaboração do questionário também englobava a dimensão do capital social, ou seja, pretendíamos observar o nível sócio-econômico, mas tendo em vista as respostas apresentadas (conflitantes ou por falta delas), optamos por descartar a dimensão do capital social.

Aplicamos os questionários em 11 escolas (que participaram da 1ª pesquisa), em 6 cidades do Estado do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Cumpre ressaltar que todas as escolas tinham pelo menos um aparelho de tevê e um aparelho de vídeo e/ou DVD. Segue abaixo a relação das escolas, suas respectivas localizações, com os índices de desenvolvimento humano municipal (IDH-M⁴) da cidade em que se localizam, que engloba além da dimensão econômica, as dimensões sociais, culturais dos municípios:

No Município do Rio de Janeiro, que tem o IDH-M de 0,842, com índice de desenvolvimento para educação de 0,933, aplicamos em três escolas:

- escola pública do Rio de Janeiro – no complexo da Maré, onde aplicamos nas 3 séries;
- escola pública do Rio de Janeiro, na Gávea;

⁴ O IDH-M é composto pela média aritmética de três sub-índices: renda, longevidade e educação. Esse indicador varia de 0 a 1, IDH até 0,499 desenvolvimento humano baixo; IDH de 0,500 até 0,799 desenvolvimento médio e IDH acima de 0,800. Dados retirados do PNUD 2000.

- escola particular no Rio de Janeiro, em Botafogo;

No município de Araguari, uma cidade do interior de Minas, com IDH-M de 0,815 e com índice de desenvolvimento para educação de 0,894, aplicamos o instrumento em três escolas:

- duas escolas públicas no centro de Araguari;

- escola particular no centro de Araguari;

Em São Gonçalo, cidade vizinha a Niterói e próxima ao Rio de Janeiro, com IDH-M de 0,782 e com o índice de desenvolvimento para educação de 0,896, fomos a duas escolas:

- escola particular do centro de São Gonçalo;

- escola pública da periferia de São Gonçalo;

Na cidade de Rio das Ostras, cidade do litoral norte fluminense, com IDH-M de 0,775 e com índice de desenvolvimento em educação de 0,869:

- escola pública no centro de Rio das Ostras;

No município de Baependi, cidade do interior de Minas – na Bocaina mineira, com IDH-M 0,784 e com índice de desenvolvimento em educação de 0,787:

- escola pública estadual, no centro de Baependi.

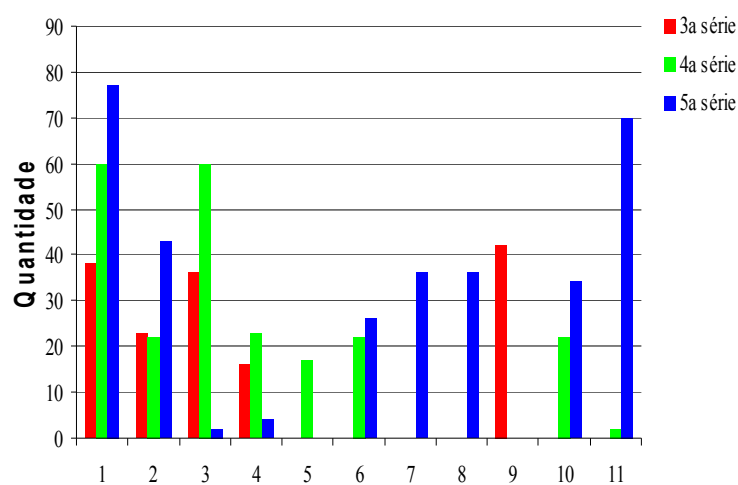
Essa escola atende também a população da zona rural. Era uma antiga escola particular confessional incorporada pelo Estado de Minas de Gerais.

No município de Serro, cidade mineira do vale do Jequitinhonha, com IDH-M de 0,658 e com índice de desenvolvimento em educação de 0,787:

- escola pública no centro de Serro.

O gráfico abaixo indica a distribuição dos alunos por série em cada escola:

Gráfico 1: Distribuição dos alunos das escolas de acordo com a série.



Escolas: **Número da Escola**

- 1- Escola Pública do Rio de Janeiro
- 2- Escola Particular de Araguari
- 3- Escola Pública de Araguari
- 4- Escola Pública de Araguari
- 5- Escola Particular de São Gonçalo
- 6- Escola Pública de São Gonçalo
- 7- Escola Pública do Rio de Janeiro
- 8- Escola Pública de Rio das Ostras
- 9- Escola Particular do Rio de Janeiro
- 10- Escola Pública de Serro
- 11- Escola Pública de Baependi

A análise dos dados foi feita com ajuda do SPSS, programa estatístico de análise de dados quantitativos.

Cabe ressaltar que, neste trabalho, serão apresentados apenas alguns dados descritivos do

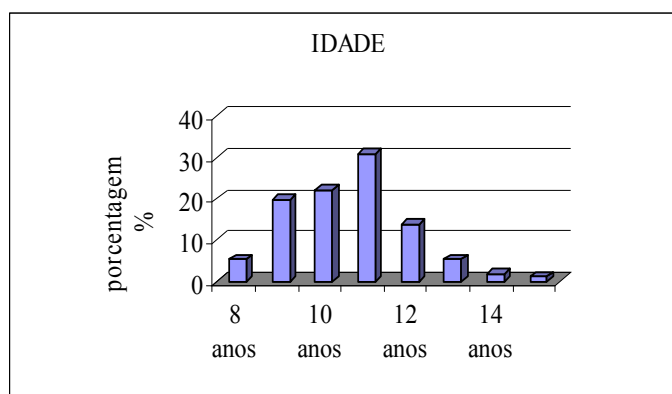
perfil das crianças e dos hábitos televisivos contemplados no questionário e a análise da escala diálogo familiar.

Descrição dos resultados

Sobre as crianças e seus hábitos televisivos

Quem são as crianças que responderam aos nossos questionários? Procuramos traçar o perfil de gênero, etnia e faixa etária das crianças. Temos uma divisão quase igualitária da mostra entre meninos e meninas, com uma pequena diferença percentual a favor das meninas (54% dos respondentes eram meninas, 46% meninos). A amostra se concentra majoritariamente entre 9 e 11 anos de idade, conforme se observa no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Distribuição das crianças de acordo com a idade



Na época da aplicação do questionário, 41% delas cursavam a 5ª série, 37% a 4ª série e 22% das crianças estavam na 3ª série. Em relação aos dados que refletem a distribuição da série em que o aluno estudava em relação a sua idade, podemos observar que não há um número significativo de crianças com

defasagem entre idade e série. Por fim, nossa mostra se divide basicamente entre crianças brancas e crianças pardas, sendo que 46,9% se declararam brancas, 42,3% se nomearam pardas, 8,7 % se denominaram pretas e por fim, 2,1% se declararam amarelas.

A análise dos dados indicaram que as crianças desta pesquisa moram em sua maioria com 4 ou 5 pessoas, e a grande maioria delas mora com a mãe. Quando a família é monoparental a possibilidade de ser a mãe a chefe de família é muito significativa. Orozco-Gomez (1991) afirma que quanto maior o número de pessoas com quem se mora maior as possibilidades de apropriação dos programas televisivos, ou seja, aumenta a possibilidade de interações mediadoras.

Quanto a posse de bens de bens culturais, que supostamente podem interferir na relação com a tevê, pudemos observar que entre os itens especificados⁵ no questionário, fitas de vídeo e DVD e CDs de música são os bens que as crianças pesquisadas indicam possuir em maior número: 92,4% possuem CD de música e 81,5% têm fitas de vídeo ou DVD. É importante ressaltar que 52,2% dos respondentes informaram ter TV a cabo.

A posse desse tipo de bem pode ser uma das fontes de ampliação dos conhecimentos relativos à linguagem audiovisual em geral e à linguagem televisiva em particular, do mesmo modo como a

⁵ Para observar bens culturais, incluímos a posse dos seguintes itens: assinatura de jornal, TV a cabo, revista de informação, fitas de vídeo ou DVD, livros de literatura, CDs de música e instrumentos musicais.

presença de livros e materiais impressos em casa sugere uma maior possibilidade de apropriação da linguagem escrita.

Quanto à escolaridade das mães das crianças que responderam ao questionário, apenas 3,2% delas nunca tenham estudado; 22,3% das mães estudaram até 4ª série; até a 8ª série temos 21,7% das mães; com ensino médio 21,2% e 33,62% dos respondentes afirmam têm mães que estudaram ou estudam no ensino superior. No entanto, é importante assinalar que **191 crianças marcaram a resposta não sei (perfazendo 29,4% das respostas válidas)**. Nas respostas obtidas, é bastante significativo, no contexto a que nos referimos, um número de mães com curso superior completo ou em curso. Pesquisas sobre desempenho escolar ressaltam a importância da escolaridade da mãe no desempenho do aluno e, neste caso, pode também indicar uma ampliação do quadro de referências da criança que interfere na relação dela com a televisão. Contudo, para avaliar isso com segurança seria necessária a inclusão de outras variáveis intervenientes, num outro modelo explicativo. Com relação ao grau de escolaridade do pai, os resultados mostraram-se bastante semelhantes ao da mãe, sendo que 35% dos respondentes não souberam responder este item.

Considerações a partir da análise dos resultados

Rincon (2001) afirma que a televisão se caracteriza pela linguagem afetiva, espetacular e prazerosa e também por ser uma indústria que exalta o consumo. Mas acima de tudo, para ele, a televisão é um dispositivo de contar histórias, que redonda

numa estratégia cultural para pensar o coletivo, colocando em cena os mitos, as lendas, as fábulas da sociedade contemporânea. Ela é a mídia central da cultura contemporânea, na qual prevalece a linguagem audiovisual, o que criou novos ritmos narrativos, novas formas de apropriação da cultura, do conhecimento e da diversão; modificou os comportamentos e costumes familiares e influenciou poderosamente todas as manifestações culturais.

O autor assinala que os gêneros televisivos têm estruturas diferentes dependendo de seus formatos específicos, como: telenovelas, documentários, telejornais, programas de revista e cada um dos formatos estabelecem diversas atualizações estéticas, de conteúdo e de interpelação das audiências (2001: 43).

A maioria das produções do gênero telenovela não é destinada ao público infantil. Mas, mesmo assim, são os programas líderes de preferência entre as crianças. Segundo dados divulgados pelo Ibope⁶, em dezembro de 2005, a novela das oito - *Belíssima* – figurava como o programa mais assistido entre as crianças de 4 a 11 anos. Tal fato também se refletiu em nossa pesquisa: as telenovelas estão entre os programas de televisão mais assistidos pelos respondentes.

A necessidade de modelos comportamentais, por exemplo, leva os telespectadores jovens a observar as condutas afetivas dos personagens das telenovelas: como acontecem as declarações amorosas ou as rupturas; as condutas numa relação a

⁶ Fonte: Jornal O Globo. Coluna “Controle Remoto”, de Patrícia Kogut, de 07/12/2005.

dois; o proibido e o permitido, tudo é significado e ressignificado pelas telenovelas ou outros gêneros televisivos. Olivari (1997) assinala que a apropriação da diversidade de gêneros oferecidos pela televisão se dá na realidade cultural em que o televidente está inserido.

Para Martin-Barbero (2001), na telenovela há uma narração popular que sempre é um contar a outras pessoas. Para além deste aspecto de narrar, a telenovela possibilita inversões de papéis, permite mostrar o grotesco da sociedade. Para este autor, a telenovela brasileira criou um modelo de narrativa, que ele denomina moderno, que incorpora o esquema melodramático e, também, um realismo que possibilita a narrativa tratar do cotidiano e onde pode haver um encontro do gênero com a história e com algumas matrizes culturais do Brasil (2001: 120).

Os resultados obtidos em nossa pesquisa, em consonância com pesquisas de audiência realizadas pelo Ibope e com a literatura específica (Martin-Barbero, 2001; Fuenzalida, 2002), indicam que 61,3% dos respondentes assistem a telenovela sempre; em segundo lugar, aparecem os filmes como programas mais vistos sempre (61,1%), sendo a diferença entre ambos pouco significativa. Em terceiro lugar vêm os desenhos animados – 58,1% dessas crianças assistem sempre. Já os programas menos vistos foram desenhos animados japoneses (37,2% nunca vêem) e telejornais (26,4% nunca assistem). Cabe destacar que, quando perguntamos qual era o programa de que mais gostavam, a grande maioria das crianças respondeu telenovela. Esta era uma questão em aberto e o tratamento analítico dado

às respostas foi configurado no ambiente NUD*IST. No contexto das preferências, a novela Rebelde (do SBT) foi a que mais recebeu indicações, seguida por Cobras e Lagartos (da Rede Globo). Das 696 crianças que nos informaram seus programas prediletos, 230 (33%) disseram preferir telenovela. Apenas 7,2% afirmaram preferir filmes. As séries e seriados aparecerem em segundo lugar no gosto destas crianças. Para esta análise incorporamos tanto seriados nacionais como estrangeiros, perfazendo um total de 153 respostas, sendo que Malhação foi apontada como o programa predileto por 73 alunos (aproximadamente 10,6% do total de respostas). As outras respostas ficaram diluídas entre programas humorísticos como A diarista, Zorra Total, A turma do Didi, A grande família, Casseta e Planeta e A praça é nossa; programas de auditório — Programa do Gugu, Programa do Faustão, Raul Gil, Domingo Legal, Caldeirão do Hulck e programa do Ratinho; programas infantis como TV Xuxa e Bom, dia e cia.; Revistas televisivas como Vídeo show e Ana Maria Braga; programas sobre esportes, principalmente futebol e canais segmentados como MTV. Um aluno respondeu que seu programa preferido eram os programas de sexo; um outro que preferia o Telecurso 2000; uma menina indicou Globo Rural e, por fim, sete alunos indicaram os jornais como seus programas favoritos.

Os telejornais foram os programas que apresentaram o maior percentual de rejeição por parte das crianças, expresso pelas respostas “nunca ou quase nunca assisto” – 64,7%. Poderíamos perguntar se isto significa uma rejeição destas crianças ao conteúdo informativo da televisão, já

que esta, além de fonte de entretenimento, é também amplamente reconhecida como um veículo informativo. Numa pesquisa intitulada Valores sociais e meios de comunicação de massa⁷ (1997), a televisão surge, como o principal veículo informativo (30% da amostra) e, para muitos, formativo (28%), tendo sido avaliada como uma importante fonte de atualização de conhecimentos e como a mais importante forma de entretenimento (40%), ao oferecer uma gama de programação a custo zero. Além disso, uma das principais finalidades desta mídia é veicular informação.

Apesar da importância assumida socialmente pelos telejornais e deles estarem referenciados no discurso dos adultos, para essas crianças estes programas não têm o apelo das telenovelas, nem dos seriados, nem da fantasia proporcionada pelos desenhos, não apenas em razão do seu formato, mas, fundamentalmente em função do conteúdo que veiculam, considerado, por elas, como excessivamente violento. Os telejornais trazem notícias do mundo “real”, ou melhor, veiculam certo recorte desse mundo real que, no entender das crianças, é doloroso e provoca mal-estar.

Diálogo Familiar

A escala diálogo familiar buscou conhecer a frequência com que os pais participam de atividades

⁷ Pesquisa financiada pela Unesco, realizada em 1997, em parceria com o IBOPE e com a Retrato Consultoria e Marketing. A pesquisa constou de duas etapas: a primeira uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo e uma segunda fase de cunho quantitativo. Resultado da pesquisa extraído do site www.observatoriodaimprensa.com.br.

com as crianças ou conversam com elas sobre determinados assuntos.

Essa escala foi gerada por análise fatorial, em que foram consideradas as seguintes questões do questionário:

Em geral, com que frequência seus pais ou os responsáveis que moram com você:

- Conversam sobre livros;
- conversam sobre filmes;
- conversam sobre programas de TV;
- conversam sobre museus e exposições;
- conversam sobre a continuidade de seus estudos;
- conversam sobre sua futura profissão;
- conversam sobre outros assuntos;
- almoçam ou jantam com você;
- ouvem música com você.

As possibilidades de respostas, que o questionário apresentava, foram: nunca, raramente, quase nunca ou sempre.

O coeficiente Alpha de Cronbach⁸ fornecido pelo programa SPSS para essa escala foi de 0,76, demonstrando que a escala diálogo familiar têm alta fidedignidade.

⁸ Em relação à fidedignidade, o programa SPSS fornece uma medida denominada coeficiente de Alpha de Cronbach, que fornece a consistência interna baseada na média da correlação dos itens. A literatura específica aponta que valores abaixo 0,60 apresentam baixa fidedignidade, valores entre 0,60 e 0,70 têm média fidedignidade e valores acima de 0,70 tem alta fidedignidade. Na seqüência, são apresentadas as escalas.

Uma pesquisa⁹ realizada pela Unesco, em parceria com o IBOPE, analisou o que o Brasil pensa da tevê, com o objetivo de contribuir com as discussões acerca da classificação indicativa para programas de tevê¹⁰. Tal pesquisa revelou a importância dos programas televisivos como elementos capazes de fomentar o diálogo familiar, indicando que, muitas vezes, os programas atuam como um catalisador frente a temas polêmicos e/ou constrangedores. Aponta, ainda, para um grande percentual de pais e crianças que percebe os programas de tevê como capaz de quebrar barreiras que porventura existam e promover conversas sobre assuntos polêmicos ou difíceis de serem abordados. Esse estudo também indicou que, especificamente junto às classes de menor poder aquisitivo, a televisão atua como um estímulo para manter os filhos em casa, amenizando os riscos associados ao mundo externo, onde a violência e o uso de drogas se apresentam como ameaças bastante próximas.

As relações familiares estão pautadas por toda sorte de contradições e estas não foram foco desta investigação. No entanto, queremos evidenciar a possibilidade de pluralidade de composições e concepções de família. Dentro dessa diversidade,

⁹ Resultado da pesquisa extraído do site www.observatoriodaimprensa.com.br.

¹⁰ Classificação indicativa é aquela que o poder público fornece sobre os espetáculos e diversões públicas, incluindo-se programas de televisão informando sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada. É regulada pela PORTARIA N° 264, de 9 de fevereiro 2007.

produtos audiovisuais atuam como campo de problematização moral¹¹, como possibilidade de vivenciar de forma imaginária uma determinada situação que coloca em cheque nossos valores e nos obriga a repensá-los, tendo como parâmetro a concretude do cotidiano. Produtos audiovisuais atuam como campos de problematização moral com a especificidade de possibilitar o contato “virtual” com situações que o indivíduo talvez nunca tivesse a oportunidade de vivenciar na vida real. “Experimentar” situações de risco ou de medo, em absoluta segurança, “vivenciar” sentimentos humanos básicos como amor, perda ou revolta, em culturas profundamente distintas, “observar” acontecimentos a partir de diferentes pontos de vista são algumas das possibilidades de “experiência moral” que esses produtos oferecem aos seus espectadores.

Nesse contexto, os valores construídos no interior das famílias e aqueles problematizados na televisão (não necessariamente opostos) entram em confronto/interação, sendo reforçados e/ou ressignificados com um diálogo mais estreito ou,

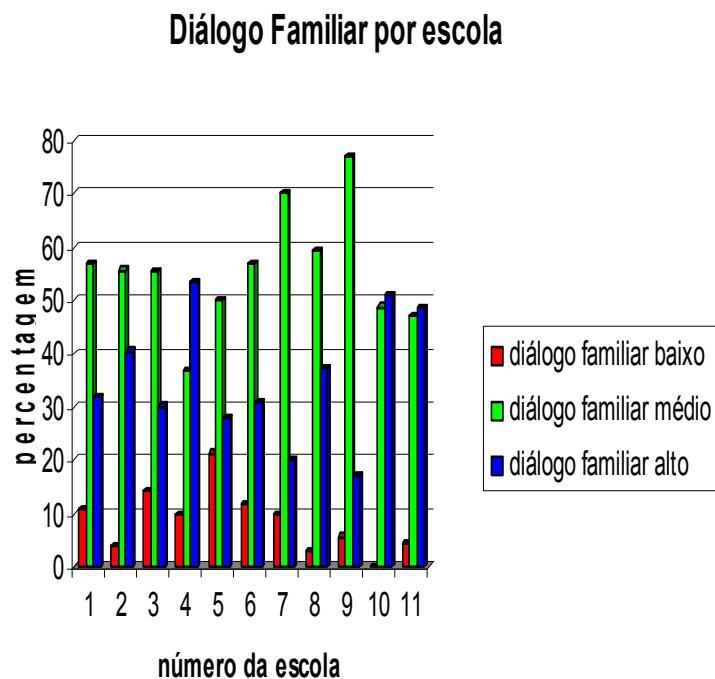
¹¹ “Os campos de problematização moral são constituídos, pois, pelo acúmulo de experiências de problematização moral, até configurar um espaço [...] de vivências e controvérsias, de idéias, códigos e valores, assim como de atitudes e práticas que pautam e problematizam a vida sociomoral em um terreno determinado. Mas, uma vez construídos, os campos de problematização moral permitem também ler e interpretar as experiências sócio-morais concretas [...]. Os campos de problematização moral são, então, o espaço de produção e reprodução da cultura moral: o espaço que pauta a experiência” (PUIG, 1998:163)

pelo menos, com uma predisposição à escuta. Aguaded (2000) afirma que, conforme o crescimento do indivíduo, a família perde lugar para os pares como fonte de mediação, mas indica que até aos 12 anos ela é preponderante, seguida de perto pela escola. Ele atribui tanta importância à família que propõe uma escola para pais, para que estes aprendam a ter um olhar crítico sobre a tevê e possam dialogar melhor com o conteúdo desta, diferenciando realidade e fantasia e atuando como espaço de reforço ou de refutação das concepções e aprendizagens sociais que são veiculadas.

Ao observarmos o grau do diálogo familiar retratado nos dados coletados nesta pesquisa, podemos supor que as famílias destas crianças desempenham um papel significativo na apropriação que elas fazem dos conteúdos televisivos. Para além de uma discussão acerca da qualidade de apropriação, os membros do grupo familiar dessas crianças parecem estar atuando em seu campo legítimo, exercendo seu papel social, oferecendo assim oportunidades para as crianças definirem identidades e construir valores na relação com as demais instâncias de socialização pelas quais transitam.

As crianças desta pesquisa apresentam um diálogo familiar médio (55,7%) para alto (36,1%), não sendo significativo o nível baixo (6,3%).

Gráfico 3: Distribuição do diálogo familiar por escolas



Escolas:

- 1- Escola Pública do Rio de Janeiro
- 2- Escola Particular de Araguari
- 3- Escola Pública de Araguari
- 4- Escola Pública de Araguari
- 5- Escola Particular de São Gonçalo
- 6- Escola Pública de São Gonçalo
- 7- Escola Pública do Rio de Janeiro
- 8- Escola Pública de Rio das Ostras
- 9- Escola Particular do Rio de Janeiro
- 10- Escola Pública de Serro
- 11- Escola Pública de Baependi

Os alunos da escola pública de Serro foram os únicos que não apresentaram diálogo familiar baixo e têm o maior percentual de diálogo familiar alto, junto com escola pública de Baependi e a de

Araguari (não casualmente, todas elas são pequenas cidades do interior de Minas Gerais).

O diálogo familiar aponta para a coesão da fonte de mediação institucional — família — que é a primeira formadora de parâmetros e valores, orientando as crianças dentro dos pressupostos do grupo social a que pertencem. Buckingham (2004) afirma que todos os pais têm critérios sobre o que pode ou não ser visto pelas crianças na tevê e que isso nem sempre está relacionado com idade da criança, mas com o indivíduo que ela é, com os padrões culturais e morais que os pais desejam manter, e esses padrões variam de família para família.

Há uma pequena tendência nas respostas das meninas de um diálogo familiar maior do que nas respostas os meninos. Quanto à cor e nível econômico não foi possível estabelecer nenhuma correlação.

O cruzamento dos dados relativos a hábitos televisivos e à escala diálogo familiar produzidos neste estudo indica que:

a) a maioria das crianças vê televisão acompanhada, em grande parte por, pelo menos, um adulto de sua família;

b) elas assistem a seus programas preferidos, em sua grande maioria, com o pai e/ou a mãe.

Vale assinalar que este tipo de assistência não se configurou como uma assistência casual, tendo em vista que são crianças que têm dois ou mais aparelhos televisores em casa (70%). Ao que tudo indica, assistem tevê com os adultos e com os irmãos e primos por escolha. Não se pode afirmar

que isto significa, necessariamente, uma melhor apropriação do conteúdo dos programas veiculados na tevê ou uma maior consciência crítica sobre o que estão assistindo, mas sugere que esta apropriação é fortemente mediada pelos valores da família e se dá de forma mais ampla e diversa do que supõe o senso comum, ou seja, que as crianças veriam tevê sozinhas, sem interação com outros espectadores no momento de ver. Assim, os dados desta pesquisa indicam que o consumo de tevê dessas crianças é compartilhado pelos membros de suas famílias.

Por outro lado, esses dados contestam, em certa medida, a idéia mais ou menos corrente de que as crianças brasileiras estão “largadas” na frente da tevê e só não estão sozinhas quando são obrigadas a dividir um único aparelho de tevê com os demais moradores da casa. É importante investigar mais os modos de ver tevê de telespectadores brasileiros, sobretudo através de estudos antropológicos de tipo etnográfico que privilegiem as práticas domésticas e seus distintos sentidos e possibilidades.

A televisão é uma fonte socializadora a partir da qual se constrói identidades. Será que ela é, também, um fator significativo na coesão da família? Sabemos que o lugar privilegiado da televidência é a casa, o lar, e nos parece que nesses lares investigados a televidência familiar é efetivamente um valor.

Aliado ao modo familiar de ver tevê também observamos resultados positivos na variável relativa ao diálogo que se estabelece na família quanto ao que é veiculado na televisão. No contexto deste estudo, o diálogo familiar sobre assuntos relacionados à tevê é de médio para alto. Significa

que além de assistir à tevê com as crianças, os pais e responsáveis dos estudantes pesquisados ocupam-se das atividades cotidianas destes, preocupam-se com o futuro dos mesmos e conversam com eles sobre o conteúdo do que é exibido na televisão. Essa predisposição é indicativa de uma situação familiar que possibilita às crianças terem ampliadas suas fontes de mediação e, com isso, terem maiores possibilidades de elaboração dos conteúdos a que têm acesso pela tevê.

Considerações finais:

Se, por um lado, a pesquisa anterior (1ª pesquisa) permitiu que observássemos uma audiência “encarnada”, crítica e reflexiva, capaz de fazer comentários pertinentes quanto à qualidade e adequabilidade de certos produtos televisivos, por outro lado, o estudo de que trata este texto possibilitou um registro descritivo das práticas dessa audiência na relação dela com a tevê, do grau de interferência do veículo na vida dela, de seus gostos e interesses assim como do papel desempenhado pelos adultos nesse contexto. Os dados coletados são interessantes para pensar o problema, mas ainda são insuficientes dada a dimensão da audiência infantil no Brasil – cerca de 30 milhões de crianças vêm tevê todos os dias, pelo menos 3 horas por dia. Esses dados sugerem novas questões e caminhos de pesquisa, indicando que precisamos investir mais em pesquisas deste tipo que nos ajudem a pensar a relação das nossas crianças com a televisão, o veículo de massa com o qual mais se relacionam,

com o qual têm grande intimidade e pelo qual têm enorme apreço.

Referências Bibliográficas:

AGUADED, I.J.G. (2000). *La televisión y los escolares onubenses*. Huelva: Grupo Comunicar.

BABBIE, E. (2005). *Métodos de pesquisa de Survey*. Belo Horizonte: Editora UFMG

BAILÉN, Amparo Huertas (2002). *La audiencia investigada*. Barcelona: Gedisa Editorial.

BUCKINGHAM, David e BRAGG, Sara (2004). Dentro ou fora da infância? Crianças, adolescentes, sexo e mídia. *Psicologia Clínica*, vol. 16², Mídia, tecnologia e subjetividade, p. 13-34.

CAZELLI, Sibeles (2005). *Ciência, cultura, museus, jovens e escolas*. Tese de Doutorado, Departamento de Educação Puc-Rio, orientador Creso Franco; www.dbd.puc-rio.br.

DUARTE, Rosália (2002). *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica.

FUENZALIDA, Valério (2002). *Television abierta y audiencia em América Latina*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 1ªed.

LIVINGSTONE, S. (1998). Audience research at the crossroads: the ‘implied audience’ in media and cultural theory. *London: LSE Research Online*.

MARTIN-BARBERO, Jesús (2001). *Os exercícios do ver*. São Paulo: Editora Senac.

OLIVARI, J.L. (1997). La televisión: la nueva agencia cultural in la escuela. *Comunicar*. Huelva: n°8, p.139 – 148.

OROZCO GÓMEZ, G. (2001). *Televisión, audiencias y educación*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.

_____. (1991). La audiencia frente a la pantalla – una exploración del proceso de recepción televisiva. *Diálogos de la comunicación*. Lima: vol. 30.

ORTIGÃO, M.I.R. (2005). Currículo de Matemática e Desigualdades Sociais. Tese de Doutorado, Departamento de Educação Puc-Rio, orientador Creso Franco; www.dbd.puc-rio.br.

PUIG, Josep Maria (1998). *A construção da personalidade moral*. São Paulo: Editora Ática.

RINCON, Omar (2001). *Televisión, vídeo y subjetividad*. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma.

SILVERSTONE, R. (2002). *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola.

_____ (1996). *Televisión y vida cotidiana*. Buenos Aires: Amorrortu editores.